

SE AINDA HOUVESSE PRESOS

Havia a Sala dos funcionários como sendo a primeira repartição no interior da Primeira Galeria da Penitenciária Cândido Mendes, compondo a Inspetoria, pelo que me lembro, tinha lá uma mesa velha de cedro vermelho, algumas cadeiras e um banco para os Guardas se sentar quando estivessem de folga na Inspetoria, atrás dessa mesa existia uma cadeira clássica de jacarandá, também, muito velha, nos pés desta se via um suporte de metal amarelo, era uma peça diferente, moldada das mais antigas da CADF (Colônia Agrícola do Distrito Federal), ali era onde

o uso era restrito ao chefe da Turma de Guardas se sentar para escrever a sua habitual brochura (a do Inspetor de Dia). Nas costas do guarda assentado neste banco, pendurado na parede côncava havia um quadro de madeira do efetivo carcerário. Ao lado direito desta pequena sala havia uma escada magistral: por onde da Inspetoria o Guarda subia à Catedral, parava e subia mais um pouco alcançava a Área Adjacente da Segunda Galeria "A", comumente conhecida como "Banho Maria" ou Segunda Cortina da Segunda "A".



O guarda auxiliar do Inspetor Emanuel Goularth, com o Livro de Confere Geral do efetivo carcerário da Penitenciária Cândido Mendes, preso sob o braço esquerdo, momentos antes do confere. No canto esquerdo observa-se o Quadro da Inspetoria. Ao alto o Mar avistado da escada que levava ao 3º andar por dentro do prédio da prisão.

EXPEDIENTE

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, número 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.

ÍNDICE	PÁGINA	ÍNDICE	PÁGINA
Se Ainda Houvesse Presos	01	Asa Leste(Int.Hipólito2ªGaleria)	11,12,13,14,15,16e17
A Vida na Vila	02	Baile dos Amigos	18e19
Assim Surgiu o Agt.Penitenciário/Visão	02.03e04	Festa Julina	19
O Inspetor Prudenciano	04e05	O Velho e o Mar	20
A Escada dos Funcionários	05,06e07	Caminhos Cruzados e Maria do Vale	21e22
O Conjunto de Escadas dos Presos	07e08	Horton e o Mundo dos Quem	22e23
O Inspetor Emanuel Goularth	08,09e10	Aniversário da Professora Janny	24,25e26
O Inspetor Suamir Portugal	10	Poema Nostalgia da Natureza 2ª parte	26

A VIDA NA VILA

NA VILA DOIS RIOS A VIDA QUE VIVEMOS É A MESMA, mas o mundo em que vivemos o cenário de antes da tragédia - dita implosão - é constantemente modificado pelas mãos grandes do tempo – parece que para não se cansar do monótono melodrama, correndo sem tédio atrás da felicidade. O mundo em que vivemos ontem não é o mesmo em que vivemos hoje. As histórias contadas aqui na comunidade de VILA DOIS RIOS são porque foram presenciadas, outras são porque foram transmitidas. Mas toda mesmo aquelas mais inverossímeis, realmente aconteceram, dentro ou fora das paredes da PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES. São histórias que nos trazem sabor e todo paladar: doce ou amargo até mesmo bastante azedo, mas que retrata em sua grande maioria a VILA DOIS RIOS, ainda alegre e descontraída dos anos: 50, 60, 70 e 80. Uma vila tão diferente da atual, uma vila que hoje não é aquela, onde um Inspetor Penitenciário era visto como a autoridade de

sempre de serviço de dia à Instituição Penal. Prudenciano ou um Inspetor Suamir Portugal, ou um Inspetor Emanuel Goulart, João Macumba, e outros quando trabalhavam na ativa atividade funcional. A vida, porém, como atualmente relembra na hora de humor de algum desses trovadores vaticinadores na hora dos improvisos amarelos: “é a vida!,... como era antes?”, pois, parecendo nos querer dizer que não variaram: - nem o tempo – nem o destino – e permanece indiferente, apenas às alegrias dos homens, misteriosas e inexplicáveis suas incoerências também são eles os mesmos de ontem! como é inexplicável a modernidade do modo de vida. A VILA DOIS RIOS é outra, a vida é a mesma e os homens também são os mesmos, - os que se foram estejam onde estiverem com suas excentricidades, suas ambições, suas lógicas e suas incoerências também são eles os mesmos de ontem.

ASSIM SURTIU O AGENTE PENITENCIÁRIO e a VISÃO

Estes homens de quem eu falo, eram eles os verdadeiros funcionários do Instituto Penal Cândido Mendes, levados pelos seus companheiros de serviços a aprender trabalhando em um Método Prático de Aprendizagem -, numa fascinante viagem ao passado das colônias agrícolas penal da Ilha Grande do meado do século XX, em plena

sabedoria dos mais antigos funcionários que se tem notícia. Naqueles anos já citados era uma época onde no âmbito penal proliferavam as praticas e se olhava os funcionários mais antigos com devido respeito como superiores hierárquicos – e como tal, seus subordinados passíveis de pena de punição -, aqueles que ousavam desobedientes às ordens para a

disciplina dos Guardas Penitenciários. Ali lhes era narrada à técnica de Serviço Prático a moda Prudenciana, Suamiana, Manuelana, Jõaniano e por aí a fora, eram sempre quatro inspetores a ministrar os primeiros passos da formação de dois anos, a um aprendiz da Guarda Penitenciária que, insatisfeito com suas limitações e querendo melhor servir ao seu estabelecimento, indo, numa viagem que duraria anos, à longa Carreira sempre aprimorando técnica, conhecimento metódico complementando teorias que a partir do meado da década de 1970, passava a ser administrada em curso na Escola de Serviço Público do Estado, através de um curso chamado de formação de Guarda de Presídio como se fosse profissionalizante da mão-de-obra para o mercado de trabalho comum. O curso em si consistia em passar uma visão sistemática sobre a visão do Guarda Penitenciário – que se queria o Estado ter: Era um curso muito rápido, que não dava tempo de criar uma visão sistemática sobre coisa alguma que permitisse tomar decisões com a devida segurança que requer a função de Agente Penitenciário, atual Técnico de Administração Penitenciária. O curso se dividia em teoria e prática simulada onde imperava sempre a FIGURA VELHA DO INSPETOR DE TURMA. Dava dica para utilizar a visão. Procurava talentos para ampliar sua visão sobre o processo como um todo; aconselhava analisar todas as conseqüências que poderia surgir com sua decisão diante de uma situação real; a visão do todo – mostrava aos Guardas de Presídio que eram, vários caminhos. E, deixava o indivíduo estudar cada um deles para escolher o que teria melhor fruto; com isso desenvolvia sua habilidade de observação. O ponto mais conciso mostrava que as suas próprias verdades podiam não ser absolutas, ao interpretar sob um único ponto de vista uma situação. Este Guarda de Presídio quando chegava ao Sistema Penitenciário do âmbito da Secretaria de Estado de Justiça era colocado na turma de um inspetor, só aí ele se deparava com um guarda antigão que há muitos anos sem uma reciclagem tentava entender o mais moderno e como não conseguia, acabava criando subsistemas isoladamente, não

levando em conta sua interação com o todo. Daí não havia nenhuma evolução natural, possibilitando uma maior aproximação da realidade estudadas nas teorias do Curso rápido de Guarda de Presídio mais tarde os Agentes Penitenciários. A visão desses guardas modernos com o passar dos tempos, ia aprofundando a necessidade de desenvolver sobre o todo. Pois, tomar uma decisão sem analisar a situação num âmbito geral poderia trazer danos ao profissional e à organização, gerando, assim, decisões unilaterais, isoladas, inconsistentes, sem credibilidade e com prejuízo ao objetivo fim que é o que sempre foi: a esperada re-socialização do indivíduo apenado que, muito tem a ver com o que se pregam os grandes penitenciaristas como agora fica patente com o livro “OS PORÕES DA REPÚBLICA” de autoria de Myrian Sepúlveda dos Santos, muito bem prefaciado por Marcos Luiz Bredas, uma obra que nada menos é do que um retrato fiel da História Carcerária e, é ela a fiel historiadora da comunidade da Ilha Grande e muito especialmente da comunidade da Vila Dois Rios, para isso ela lança mão do Plano Diretor da Ilha Grande, enfatizando logo de início nas páginas 25 e 26 e depois narra na página 27 um fato triste de uma vítima das atrocidades policiais da época no DPO do Abraão, despindo em 1985 uma senhora como se fosse numa cancela de uma praia de nudismo, onde as pessoas arrancam as roupas. Num ato muito pior, porque ali foi feito pela imposição do representante da lei. Mais a frente na página 208 deste mesmo livro, Myrian faz uma outra abordagem subtrativa de uma autoridade autêntica contando a fanfarra do espancamento de cinco presidiários com o cipó camarão encontrado na região, assim narrado pelo jornalista Walter Prestes no jornal O Globo de 04 de abril de 1934. “Cada algoz estava munido de um Camarão. Camarão é um cipó que, depois de levado ao fogo, se torna extremamente flexível e adquire uma cor avermelhada. Os prisioneiros tinham o tronco despido. Os guardas, empunhando o camarão, experimentavam-lhe a flexibilidade, dobrando-o até se tocarem os extremos. Um grupo de funcionários e guardas, entre os quais se achava o Dr. Souto Maior e o

almoxarife Amorim, aguardava a realização do espetáculo. Nas janelas gradeadas dos alojamentos, centenas de cabeças se amontoavam. Um vozeio surdo roncava, vindo dos dormitórios, como o reboar dos trovões longínquos. Junto à fileira dos quais iam serem supliciados, o cãozinho vigilante de propriedade de Valentim Teixeira Leite, movia-se nervosamente, pulando nas pernas do seu dono. Não muito longe, de frente para os cinco condenados, estava formada a banda de música que ia abafar os ruídos da fanfarra." Pois bem! Não é senhores por aí que a banda toca: Ter a visão de um problema era saber usar a sistemática da intuição, a sensibilidade, a emoção e também a razão na tomada de decisão, tendo a consciência do que sua decisão poderia causar na resolução desse problema ou daquele e quais conseqüências podiam trazer. No caso a cima citado foram todos os funcionários afastados e exonerados, inclusive o diretor, e assumiu a direção da unidade prisional o Dr. Sardinha. Analisar atentamente cada detalhe faria os Guardas de Presídio escolher a decisão, a qual considerava ter o resultado mais positivo. A visão do problema do sistema funcional daquela época era uma questão de uma visão sistêmica pouco ou nada mais era do que, proceder, movimento integrado entre o ambientes, suas decisões e o futuro: Era um exercício de percepção ao alcance de poucos da época. E, para melhorar sua capacidade de decidir e compreender o encadeamento de ato-conseqüência, só muitos anos depois já do período anteriormente citado, era necessário treinar sua observação por dois anos ou mais, ou seja, fazer um estágio que duraria no mínimo dois anos, trabalhando nas galerias diretamente com os presos do Sistema Penal, para depois sair para os demais setores da atividade. A partir do

estágio a maneira vinha de cada um de encarar os acontecimentos nas organizações penais. Era preciso analisar o ambiente, o todo, ou seja, o conjunto de forças que podia ter alguma influência. O conhecimento mais profundo da dinâmica da organização e da interação entre as diversas forças atuantes permitia que as ações, nas unidades, fossem mais efetivas, não só as de curto prazo, mas principalmente a de médio e longo prazo alcançasse uma visão equilibrada no final de um período de atividade com presidiários, que por sua vez estes se impusessem constantemente á situações adversas. A visão do guarda, consistia na capacidade de entender e demonstrar o comportamento do todo a partir de uma análise global das partes, interação entre estas e implementação. Até os sistemas físicos somavam forças. Várias forças externamente atuavam num sistema em funcionamento internamente de uma unidade prisional. Usando adequadamente essa importante ferramenta física podia minimizar diversos danos futuros e ter um diferencial positivo à categoria dos Guardas de Presídio. E, com isso, os Guardas de Presídio tinham que está preparado para manter a sobrevivência de sua autoridade dentro do sistema funcional. De uma visão avançada através de vários prismas criando uma gama de possibilidades de soluções de problemas surgidos numa instituição carcerária ao longo dos anos de convivência com os presos, explorando e desenvolvendo o sentido da visão de sistema, propiciando a compreensão da contínua evolução dos cenários da sociedade, cada vez mais complicada e mais exigente sobre a visão do Guarda de Presídio, os atuais Agentes Administrativos Penitenciários. Assim surgiu o Agente Penitenciário a partir dos anos oitenta do século passado.

O INSPETOR PRUDENCIANO

O Guarda de Presídio estagiário sabia que a Disciplina verdadeira dava ali seus primeiros passos e que no ambiente encontraria guardas já famosos que, com o passar do tempo,

transmitiriam sua cultura (prática) àqueles que o procuravam. Esse ensinamento, que lhos prendia a atenção até o último impulso, lhes traz hoje, inevitavelmente de volta aos seus tempos

desde a Penitenciária Agrícola do Distrito Federal ao DESIPE-CM, passando pela Colônia Penal Cândido Mendes conhecida como, "Penal", Colônia Agrícola do Distrito Federal, Instituto Penal Cândido Mendes, Penitenciária Cândido Mendes – aquele velho presídio, o "instituto" com toda a extensão desta palavra onde por tantos anos, inicialmente como guarda e, depois, já como agente penitenciário, procuravam com o Guarda Antigo, como exemplar temos Prudenciano inspetor de Turma, a obtenção dos conhecimentos acumulados pelo homem, ao longo das décadas, na área disciplinar carcerária. Prudenciano era um velho inspetor que guardava a acuidade dos sentidos, da vista e dos ouvidos, sem dúvida alguma herança ele trazia dos antepassados prodigiosa do tino em orientar-se e dirigir-se seguro. Era um fino observador que apresentava se lhe traços especiais na fisionomia bem característica do ponto de vista físico e moral. Era o tipo humano bem definido, no trajar e no falar, digno de ser descrito numa dessas correntezas indefinidas que migram do norte para a aba fluminense. Possuído de sobriedade e acuidade dos sentidos, que tinha a fisionomia pouca robusta, podia até julgá-lo anêmico e ainda carregava um pouco de abatimento notado no seu hábito, fora das horas de rush, era de conservar-se de pé e conversar com o Livro de Confere do efetivo carcerário na mão esquerda tomando com a mão direita alguns apontamentos finais que havia de corrigir, encostado na parede

fria ou num apoio qualquer. Sem nenhuma fadiga ficava ali horas descobrindo por menor que fosse qualquer anotação suspeita de erros, cujo, o seu antecessor houvesse cometido. Suas atitudes eram sempre admiráveis e corajosas. Os seus repousos quase não existiam eram sempre breves a fim de poder madrugar a rondar galeria adentro pondo ordem nas "TEREZAS" que cruzavam o passeio. Não era nenhum conselheiro, mas reprovava com veemência alguns erros, que apontava no comportamento de um guarda, - dizia ele: "não se deve pegar nada na mão de preso para si, e se entre os presos em algum lugar ver passar de um deles para o outro qualquer objeto, pode ser um par de chinelos, presta muita atenção, porque atrás deste gesto tem coisa errada. Vai lá e confere a transação, não deixa por menos, comunica ao seu companheiro, trás o preso para a inspetoria, para amanhã ou depois não se arrepender, porque, pode haver uma morte em função desta transação". Assim era que Prudenciano orientava um funcionário novo, inexperiente para agir com os presos. O rigor não o deixava quase falar com os presos, só olhava. Quando era na fila do Rancho, ele parava lá na frente e olhava por cima com olhar agudo e perspicaz, os presos alinhavam e em silêncio baixavam suas vistas em sinal de obediência ao perfil do inspetor, que pelos anos de trabalho, desde a Penal todos já conheciam lhe a maneira de agir com retidão.

A ESCADA DOS FUNCIONÁRIOS

Tinha o Inspetor Prudenciano nos seus dias de serviços o hábito de levantar de madrugada subir a escada interna da inspetoria, que partia do interior da Saleta. Era ali que ficava o pé da Escada dos Funcionários, como era conhecida esta subida ao segundo piso, por ali num repente alcançava-se a Segunda Galeria "A". Tinha quatorze degraus fundos e compridos formando dois lances de sete degraus cada lance. Esta escada, levavam você alcançar ligeiramente um portão muito marrento, dado a produzir um

ruído desonesto surdo específico, que não deixava seja lá quem fosse alcançar sem aviso o Vestíbulo, ou seja, um salão retangular mais ou menos de sete metros de largura por seis de comprimento que era o Largo da Paciência dito "Banho Maria". A Escada reservadíssima aos Funcionários, no seu peitoril que havia a esquerda da aclave corria uma pedra mármore, bem fixada e ao longo desta, um corrimão cravado de quando em quando, ostentando a beleza do metal bastante envelhecido

constantemente polido. No final do primeiro lance havia uma Plataforma sob uma cúpula de onde vinha parede-abaxo um caixilho com vidros formando a vidraça uma enorme Catedral, alta muito alta, da laje se vinha um conjunto perfeito a morrer quase aos seus pés, deixando a claridade penetrar contrastando-se com a iluminação artificial interna de uma lâmpada camuflada no teto: dali da Catedral a vista do sujeito então voava longe, e corria livre do lado de fora lá embaixo, deixando você com a impressão de estar de pé na sacada de um camarote, de um teatro ou de um desses modernos monumentos do Carnaval de luxo, que é o mais moderno teatro chamado "Sambódromo", onde se tinha, os presos lá fora, lá embaixo no campo denominado "Areão" como atores, se artista os presos fossem, cada grupo vivendo seus personagens incorporados na alma despida da sombra maligna, agora encenando a maravilhosa arte do bem, das mais diversas cenas como: o futebol, a educação física, os ensaios premeditados de Samba de enredo, jogos de Capoeira, roda de Cantorias, Ladainha, pregação, imitação e outros dotes eram freqüentes: entre os presos a música ia construindo o espetáculo e ia contando as histórias vividas lá fora de uma forma meio onomatopéica, criando o som da favela, o som do morro, o som dos tiros, o som dos carros, o som dos bichos da mata com qualquer instrumento que tivessem em mão, as vezes um simples pedaço de pau virava uma rabeca, um travesseiro velho vira o acordeão, a vassoura uma viola e por aí a fora iam eles criando um espetáculo, difícil era saber o que era, mas era maravilha ver Elvis, banjo roncando o rock do Estados Unidos de Jolm, rock'n'roll de Lennon dos tempos rebeldes, de transformação ao tempos violentos, alternativo e diferente, enfim um cenário. E lá no meio do mundo tinha uma dupla que ficava sempre fazendo acontecer um passa tempo na voz das aves "Canário Cantador e Bico de Lacre". E, o infeliz guarda nestas horas ali ele tinha um espaço calculado entre dois conjuntos de degraus, medidos muitas vezes na subida e na descida, cada conjunto com sete

degraus medindo aproximadamente dois metros de comprimento, e nas quinas desses degraus uma lâmina de metal mareado o protegia do solado dos sapatos, pois a beleza era rara e reservada exclusivamente aos funcionários de serviço, e quando necessário aos administradores, ousassem por ali passar, por eventual necessidade da função que ocupava. Para muitas das vezes observar explorativamente as paredes, se estas estavam limpas ao gosto, bem lustrosas, porque nestas partes conservavam-se as paredes longe de qualquer arranhão: eram bem mais conservadas, e por isso se tinha pinturas aparentemente sempre novas, a cor conservava constantemente viva do azul mar. Quando o senhor diretor punha-se a inspeção, era ali o primeiro lugar a fazer longas observações, e depois, prosseguia examinando o mobiliário de segurança, como se fosse aqueles a sua mobília de casa, corria a vista: nos portões, fechaduras, cadeados e outras coisas a mais, se estavam realmente em funcionamento e devidamente trancados como exigia a segurança de uma prisão. A Segunda Galeria era um ponto de partida através de um outro portão, constantemente fechado que dava acesso a um outro conjunto de escadas, idêntico ao primeiro; esse segundo conjunto leva o guarda a Terceira Galeria "A", onde se deparava, frente a frente, com o terceiro portão dessa série que vinha da Primeira Galeria. Ou seja, da Inspetoria subia, atravessava o "Vestíbulo da 2ª A" - neste segundo conjunto de escadas havia na sua metade, um outro patamar de onde, obrigatoriamente, o guarda olhava lá do outro lado a parte da frente da Cadeia, pela vidraça deixava ver distante, ao alcance da vista os prédios e por cima da última laje desses lá estava as palmeiras com suas palmas erguidas acenando: aqui perto estava o prédio da Administração do Presídio, chamando a atenção para ele, no centro da pavimentação: mais além outro prédio é avistado. Lá quase da Terceira Galeria, O guarda sabia, que aquele prédio lá avistado, era o edificio da Entrada Principal, onde fica a Portaria, agora estava sendo avistada pelo lado oposto.

De dentro para fora dava a imagem flutuante como se fosse uma fragata ou coisa parecida. Dali se passava a vista, varrendo os pátios, identificando presos, que por ventura estivesse naquelas imediações. E podia conferir no pavimento: o Almojarifado com a sua cara de poderoso; mais pra lá o Ambulatório com ar levemente impecável; a aquém estava, a Enfermaria com o aspecto carregado de sempre; ali atrás um patiozinho ermo, terminado numa ermida de portão largo. Portada que lembrava uma enorme boca de engolir gente, insaciável e devoradora, sobretudo, de presos peneirados de facadas quando era tempo de matança. Aquela enorme boca fechava o final do pátio para que ninguém pudesse escapar. Era o Necrotério da prisão, denominado de "Pedrão". O "Papa - Alemão da Cadeia", como era visto pelos próprios presos do time dos robôs comandados por quadrilheiros irreverentes. Bem mais a direita avistava lá o Cinema impondo a sua figura de trapiche de intercâmbio no porto; corria a vista em toda extensão do Pátio, de uma extremidade a outra, achava na ponta esquerda a Cozinha, avistada por cima assemelhava a uma grande incubadora, agregada a ela estava a Casa da Caldeira, como se fosse uma locomotiva, de vez enquanto um jato de vapor avisava que estava abastecida; lá na linha do muro o Portão de Viaturas trancado até aos dentes, de cada lado um cano de fuzil impunha distância; na metade da montanha, duas Caixas de água pontilhava a natureza; cá embaixo avistava o casario da Vila composto pela cordilheira do Galpão da Colônia Correccional e seus monumentos pontilhando até ao Mar, infinito engolindo sempre umas pequenas ilhas, sem nunca terminar a deglutição, ficava lá entalado eternamente na rota da

navegação dos couraçados chegando do estrangeiro. Este cenário foi onde o Guarda de Presídio que trabalhava nas Galerias da Penitenciária Cândido Mendes na Vila Dois Rios desfrutava do olhar nas frescas tardes, claríssimas, de céu azul de muitos anos. Acompanhando ia com as vistas, cargueiros que navegando pelas águas brasileiras vinha chegando de mansinho. Momentos depois, numa ultima visão dobraria a ilha de Jorge Grego, as últimas embarcações. Daí voltava à vista para os pátios da prisão a pousar no Passeio que ligava o Portão Central à Administração, sem deixar de conferir o Pátio do Mariel e obrigatoriamente o Pátio das Visitas na frente da Enfermaria, ali sempre encontrava prisioneiros de pijamas largos esmorejados parados esquentando-se ao sol da tarde. Agudava-se a vista, catando cadeado, o mixuruca do Portãozinho Preto de acesso ao Cinema, lá estava, meio escondido na barra do muro da extremidade direita, cujo, ali o guarda não podia de maneira alguma permitir a presença de preso por perto, neste local havia uma reserva de espaço por medida de segurança às famosas Celas do Castigo da Prisão, infurnadas ali perto. Das Escadas dos Funcionários os Guardas tinham o privilégio de desfrutar deste campo de visão, lá dentro do prédio, de um modo geral o conjunto de Escadas representava, além de colosso que era, representava também uma verdadeira obra de arte, inigualável, feito da engenharia da época. Como podia ser tão bem arquitetada? Alinhando curvas e retas travadas no espaço que se ancoravam nas paredes, formando um complexo ornamental e útil ao mesmo tempo à servidão das manobras dos carcereiros com a população do cárcere em segurança.

O CONJUNTO DE ESCADAS DOS PRESOS

Numa e outra, das seis alas, que tinha o prédio da Prisão da Ilha Grande, a massa carcerária se manejada a rigor, não havia como encontrar-se entre si, e nem com os funcionários nas escadas. Pois, o conjunto era perfeito, se compunha de quatro escadas e cada uma escoava uma galeria,

A ou B, sem entalar o trânsito. Até mesmo porque, o preso que ia não voltava pelo mesmo caminho, sem antes que o último preso houvesse descido da galeria correspondente, a uma dessas escadas. Na hora do retorno dos presos do pátio às galerias o movimento era ao inverso.

E com isso tinha-se idas e retornos, com perfeita mobilidade, cujo, a engenharia programou o interior do prédio desta Prisão para ser movimentado com independência que, fazia gosto ao Inspetor de Dia ficar lá embaixo ao largo comandando o manejo que era feito pelas vozes de comando: “solta a Segunda galeria A, fecha. Abre e manda descer a Segunda Galeria B. Tranca a Segunda Galeria, e abre a Terceira Galeria A. Fecha a Terceira Galeria A, abre a Terceira B”. Tudo isso nos espaços de tempo que dava tempo suficiente para o preso seguir até ao refeitório para fazer as refeições. Estas coisas requer no peito do VELHO INSPETOR ou simples Guarda uma saudade imensa. Quem pode contar isso melhor? Acredito que seja o Suamir Portugal, Emanuel Goularth e outros que fizera isto durante trinta anos na Prisão da Ilha Grande. Eta velho tempo! Que às seis horas o cadeado cantava, sem cessar, até às sete horas e trinta minutos. E, preso descia escada, e preso subia escada, de um lado e do outro. Quando eram oito horas, grande parte do efetivo carcerário tomava outro destino, as Turmas de presos eram reunidas por seus chefes escoltas de dois, três ou mais guardas que aqui na Vila Dois Rios e Abraão residiram naquela época e que tão bem se aqui estivessem se lembrava dos presos

da sua turma, outros que, simplesmente, ignoram tudo sobre nomes e queriam ser informados, descendentes daqueles que aqui moraram e trabalharam, durante anos, em turmas tão influentes – recordam algumas passagens, parece ter percebido uma lacuna até então não devidamente percebida. Então em toda parte, esses guardas! Por mais desconhecido que seja a conversa onde se toca, por mais perdido que se ache, num obscuro canto da mente, o regato ao longo do qual se fala encontra-se sempre uma história! Sempre um guarda, inteiramente ilhéu, tal qual como saiu da Ilha, impermeável às corporações alheias, atravessando costumes, hábitos, artes culinárias diferentes, sem que modifique num só ponto numa só maneira, numa só forma, o seu protótipo ilhéu aí vai querendo encontrar por toda a parte o que deixara na Ilha Grande recordando nos confins do mundo, a sua Unidade Prisional de origem, o seu lugar de morar, e formando lá a sua opinião, não pelo o que vê ou ouvem ao redor de si, mas pela saudade voltada para trás, para os tempos da ilha: abominando tudo o que não é da ilha: e pensando que aquelas outras raças só podem ser felizes possuindo os costumes, os hábitos e as maneiras que fazem a eles feliz na sua Unidade Prisional do Rio como se foi na Ilha Grande.

O INSPETOR EMANOEL GOULARTH

Numa época em que não havia o imediatismo que caracteriza os tempos atuais, procuravam observar a expectativa dos VELHOS INSPETORES, de modo a sedimentar seus conhecimentos e ganhar confiança para o exercício de uma lida correta prática carcerária. O sonho de todo estagiário de Guarda Penitenciário naqueles tempos de 1970 e 1980, era o de que pudessem, no futuro, se tornar grandes inspetores ou grandes chefes de repartição do Estabelecimento Penal, com um vasto conhecimento a atender nas funções nas repartições e nas galerias. Ali, no arcan da VELHA PRISÃO, Nas suas amplas e ventiladas galerias (Primeira Galeria A e B, Segunda Galeria A e B, Terceira Galeria A e B) tiveram as diversas gerações dos Guardas do

Presídio da Ilha Grande o privilégio de conviver com Inspetores da Guarda de Galerias que transmitiam além dos conhecimentos técnicos lições de comportamento e exemplos de conduta profissional e que, assim puderam-lhes permitir a realização daquele acalentado sonho. O inspetor Emanuel Goulart foi um desses que tanto souberam marcar os guardas da nova linhagem que veio depois dos Guardas de matrícula 130. Funcionários e policiais chamavam-no carinhosamente de Emanuelzinho. Bastava olha-lo para entender-se o diminutivo: uma pessoa de formato baixo e ágil, trocando passinhos miúdos, que se deslocava com surpreendente calma. No seu plantão, mais cedo do que imaginava, lá estava

ele dissecando sua brochura por volta das quatro horas da manhã num estilo muito próprio, o complicado testamento histórico da rotina da Prisão registrado em tópicos como se fosse um diário da Cadeia da Ilha Grande, dever de todo Inspetor de Dia. A Classe Funcional era uma raça viciada em ler a brochura diária para tomar pé dos acontecimentos diários como se buscasse um farol para iluminá-los pelo resto do dia. Mas nem sempre o livro estava à disposição, porque muito cedo o livro seguia para o serviço de Segurança para extração dos tópicos a serem remetidos ao senhor Diretor do Estabelecimento, ainda nas primeiras horas do expediente. Com isso o alto senso de responsabilidade, de um Inspetor exercia um influente papel no real cargo de confiança dos diretores que passaram na vida útil da Prisão da Ilha grande. Emanuel Goulath, este Guarda não raro, pautava os assuntos prisionais com relatos pragmáticos das amenidades dos incidentes do convívio humano (o que é um cárcere), mas não permitia que elas interferissem na retidão de seus comentários e de suas decisões. Fez uma carreira funcional de alto nível, na sublimação de um trabalho sério e eficiente de princípios sólidos, com uma postura ao mesmo tempo intransigente e compreensiva. O inspetor Emanuel Goulath nos intervalos do confere da noite e antes do silêncio, gostava de conversar com seus companheiros modestos auxiliares que formava a sua turma de guarda. Ele era daquele tipo que descansava carregando carga de serviço, da Cadeia como de costume dizia-se "carga de outros setores", subentendia-se que a competência era da área do Serviço de Segurança, como de costume ficava certas responsabilidades por conta da Inspetoria. Ele gostava de orientar os Guardas mais novos quanto à maneira de se comportar ou proceder em serviço diante de certas responsabilidades como: fazer o Confere Geral, ouvir um interno, lidar com saídas dos presos para o banho de sol, saídas para o futebol geral no campo externo, como lidar com colono-livre, como conduzir uma saída geral do efetivo para o Areão ou para o banho de mar sem cometer erros na contagem de saída e no retorno. Emanuel era um Agente Penitenciário que vestia sempre de acordo com o

regulamento. Nunca, que se via, ele trajando uma peça estranha ao uniforme. Há de se ressaltar a sua técnica nas horas de soltar o efetivo carcerário geral para o futebol de campo, que era uma vez ou duas por semana. Lá estava ele no Portãozinho Preto de passagem pelo Cinema com uma prancheta na mão esquerda e com a direita fazendo seus mirabolantes xis. Um xis valia por sua vez vinte, vinte e cinco, trinta, trinta e cinco ou quarenta presos. Cada seguimento das pernas de um xis valia cinco presos, se recebesse um traço na extremidade dobrava de valor. Cada perna de um xis valia dez presos, a metade valia cinco presos, e assim ia ele somando de dez em dez, todo o efetivo carcerário. Saía todo o efetivo e regressava e Emanuel dava baixa nos xis (X) fazendo a supressão por parte: cinco, dez, quinze, vinte valia um xis simples. Se houvesse fração anotava a parte na prancheta e guardava a folha de papel até ao confere noturno, somente, depois de apurado esta última conferência e se não havendo nenhuma falta, poderia se desfazer da respectiva folha de papel com os xis. Quando ingressou na carreira da antiga Guarda de Presídio matrícula 130, lá pelo final dos anos cinquenta – o jovem jacareense Emanuel Goulath, não podia evidentemente imaginar que, seria ele depois de alguns anos mais um personagem, na extensa coleção de histórias da comum geração de jovens regionais aproveitados, da orla marítima povoada daqui do entorno da Ilha Grade, para trabalhar na cadeia que, se tornou o centro nervoso das prisões brasileiras na vida funcional. Garanto lhe que Emanuel Goulath, não podia também supor que, iria pertencer a uma geração de Guardas de Presídio atormentada e aflita que, mal iniciava a carreira e já se estava defrontando com revoluções, golpes, deposições, renúncias, suicídio e muitas outras coisas da política brasileira que, a final de contas vinha repercutir no seu setor de trabalho no cárcere da Ilha Grande. O inspetor Emanuel é uma testemunha daquele tempo, pois, foi um observador privilegiado daqueles anos da escalada perigosa, das agudas e sucessivas crises da Prisão da Ilha Grande as voltas com o poder organizado do

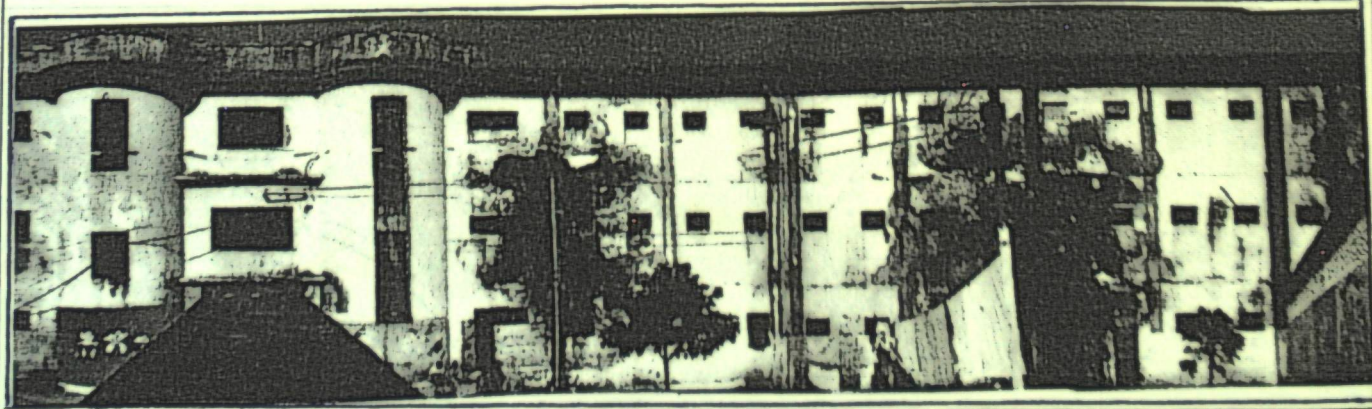
crime que, por final se organizou a qualquer custo no inteiro das galerias, onde outrora estivera: alguns fugitivos do despotismo internacional, revolucionários e políticos deixando ali seus laivos de organização,

evidentemente, aproveitados por quadrilheiros natos dos anos setenta como: Willian da Silva, Rogério Lengruber, Pulo César Chaves, Mesquita, Expedito, Viriato, Jorge Aguiar, Diegues e muitos outros.

O INSPETOR SUAMIR PORTUGAL

Na Primeira Galeria, no andar térreo do prédio da velha prisão, á esquerda e, depois, á direita, de quem entrava pelo Portão Central, sempre o guarda encontrava-se a lhe brindar o Inspetor Suamir Portugal com aquelas pérolas de sabedoria que, pelas suas minúcias, chegavam às vezes a lhe divertir. O ainda velho inspetor de Turma de Guarda das Galerias comportava-se como um amigo, que era, de todos, procurando o melhor para cada um. Nos seus domínios de serviço, cercado de seus auxiliares: – figuras como: Manoel Torquato de Lira, Marciano, Varjão, Sobrinho, Francisco, Oliveira e tantos outros – ali ficava em conversas amenas e agradáveis que às vezes se prolongavam até depois da mia noite. Esses bate-papos descontraídos supriam as faltas, no currículo base, de uma disciplina de Ética funcional, tão necessário naqueles tempos e, mais ainda, talvez, nos tempos atuais isto ainda funciona. Lá se aprendiam que o guarda deveria se apresentar sempre barbeado e com o cabelo cortado, com roupa regulamentar limpa, calça cáqui e blusa de ganga azul com emblema no peito. Que não deveria discutir, sob nenhuma hipótese com o preso tedioso. Que deveria se portar de uma maneira correta, com as atitudes exemplares, nunca de maneira debochada e nunca dando respostas com linguajar griescos. E, por aí

afora, enumeravam-se e discutiam-se aquelas questões que, para eles, eram fundamentais no sentido de ajudar a manter a imagem, altamente positiva do guarda. Nos anos oitenta, Suamir, afinal deixa extravasar doto o seu maravilhoso engenho profissional, diante do arbítrio indisciplinar carcerário. Quando a disciplina fora virtualmente abalada, manteve a íntegra da chama do espaço funcional, com coragem, equilíbrio, mordacidade, coerência e altivez. Era aí Suamir uma referência importante em todo esse cenário, honrando com a sua presença entre inesquecíveis Inspetores das Galerias da Penitenciária Cândido Mendes, e já exercia aí, em toda corporação dos Agentes Penitenciários, uma liderança espontânea e altamente dentro de um estabelecimento, pois entre presos numa galeria era de algumas palavras, mas de uma enorme importância moral. Nunca alterou a voz e nem nunca foi capaz de levantar uma mão para um preso. Um preso faltava pouco pedir-lhe a benção quando lhe dirigia. Discreto de olhos pequenos, mas vivos, tinha um sorriso calmo, no qual não mostrava os dentes. Não alimentava ódio, nem os inspirava. Nunca herdava as brigas entre os seus amigos. Tampouco cultivava inimizades, que não tinha espaço na galáxia ou no espectro dos seus julgamentos. Funcionários e policiais chamam-no pelo nome: Seu Suamir.



ASA LESTE
O INTERNO HIPÓLITO DA SEGUNDA GALERIA

Mais ou menos uns duzentos metros de comprimento, por uns quatro ou cinco de largura compunha a Ala "A" do Prédio Central e se estendia atrofiada na asa leste da prisão da Ilha Grande, construída no final da década de 1930. Esta asa compreendia o lado "a" do prédio de três andares, onde no segundo andar estava a 2ª galeria, era onde o fanatismo de uma prole corria solto nos anos 70 e 80 do século XX. Esta prole ocupou os espaços deixados pelos presos políticos, opositores, integralistas e comunistas, todos ocupava este mesmo espaço entre os anos de 1942 até 1970, agora a prole impetrava a sua intolerância em contraste com as outras partes da Instituição Penal do Rio de Janeiro formando uma massa coesa de um número incalculável de componentes nas prisões e entre também na sociedade livre envolvida nas atividades intrínsecas, o principal componente chamava-se Willian ou vulgarmente "professor". A intolerância, então, se chocava com o zelo da ordem que caracterizava outras épocas do tempo da Prisão. A contradição era sentida e ficava com um pré-requisito esotérico a ser transmitida na ordem do mal contra o bem. E os Guardas das unidades prisionais não conseguiram obstar a situação internas das unidades porque não recebiam apoio da instituição estadual corrompida pela sociedade.

De qualquer modo o passado e o presente estavam em transformação num jogo, aparentemente exigiam uma obediência, em sua natureza ia modernizando o comportamento social, de rebeldia ia se transformando em violência veloz num espaço de tempo tão pequeno em comparação ao passado, os Guardas do Presídio e seus Administradores não conseguiam acompanhar não havia uma escola eficaz de aprimoramento do funcionário para lidar com a transformação social das duas décadas já citadas.

A transformação se sobrepunha a todas as outras de compromissos absolutos do século passado ou estava surgindo uma nova ordem ou um mundo infernal diante dos funcionários estarecidos, nada podia fazer se não esperar pelo

o Estado se manifestasse e fizesse uma retomada da ordem social, e por parte dos Guardas nada mais era entendido. De modo a renunciar a personalidade e se dedicar ao serviço de um outro apostolado moral como se nada estivesse acontecendo ali dentro da Segunda Galeria "A", onde nesta época estavam atrofiadas todas as principais Cabeças das Grandes facções criminosas dos Castelos Cariocas, formando um submundo chamado de Quartel General "QG" por alguns seguimentos da própria sociedade.

O QG era apoiado no fanatismo delinqüente da massa carcerária esta, declarava ainda que, a tolerância havia acabado e, rotulava a apologia com o título, pregando a "PAZ JUSTIÇA ou LIBERDADE", esta metáfora tomou conta da euforia carcerária, depois de inscrita pelo prisioneiro Hipólito no alto de uma parede, inicialmente ele vinha ser um dos pais do Comando Vermelho, depois da inscrição ficar famosa, ele foi imposto a uma carga de responsabilidade, tremeu e se arrependeu e quis sair daquele mundo, inventando um outro mundo menos complicado, simples e corriqueiro, pelo o qual os guardas tivessem dele uma outra imagem. Nessa virada de comportamento ficou considerado como "alemão". Mais tarde depois de deixar a facção passou para a Falange Jacaré. E, ficou lá na parede ao alto pelo lado oposto, sobre o Portão de entrada da Segunda Galeria "A", a sua criação demonstrando um ato de indisciplina nos modos do padrão antigo, nos modernos nem tanto representava, mas arruinava a convivência dele com a facção predominante. Imaginava um território no Brasil chamado Brasilândia, onde a polícia não entrava, conforme ele mesmo relatou no castigo depois da Fuga obrigado a fazer para não ser morto, misturando o avanço do tráfico com o poder, ousadia e a violência, estava por vir assolar depois da paz rumo a desmazela da ordem da justiça no Estado brasileiro.

Hipólito era um preso, mas, nem por isso deixava de chamar a atenção de quem queria colocar atenção na ordem social, esta estava surgindo, a uma distância mínima do ver de uma

autoridade dentro da própria prisão como compunha um sistema penal. A Segunda Galeria "A" compunha-se de 50 celas e era as mais requisitadas do Estabelecimento. As suas celas passaram de individuais a duplas. Normalmente era ali alojados os cabeças das quadrilhas mais badaladas do Rio de Janeiro, quando presos e enviados para a Ilha Grande. No início da década de 80 do século XX. Hipólito, tinha como vulgo "Pruinha", importante peça no engenho do crime, inicialmente, ao lado de Rogério Lemgruber, Willian, Lourival, Diegues, Paulo César Chaves, e outros. Desejando se afastar do grupo de frente da Cadeia, se aliou ao seu irmão Pinheirinho e formaram uma dupla de faxineiros de trabalho nos pátios, com o passar de alguns tempos, a dupla ficou conhecida como "Bico de Lacre e Canarinho Cantador", era os irmãos Hipólito e Pinheirinho, estes dois presos tornaram-se daí em diante diferentes dos outros, votaram às suas origens afeiçoadas a tudo do campo, do mato tiravam o trocado para o cigarro, aproveitando tudo; a moradia por muito tempo ainda continuou na cela 48 da Segunda Galeria, na parede desta cela expressaram a mudança de hábito, ao invés de escrever outras frases, passaram a pintar, decoraram de início, um quadro de uma paisagem mística aparentemente ingênua de um pequerrucho qualquer, na sombra de uma árvore no campo, o mais se via uma muamba de raízes, sem fim, vinda do campo e, folhas jogadas aqui e ali nos cantos do cubículo, o 48 da segunda Galeria "A" nos pregos da parede enfiados nas alturas, havia gaiolas e passarinhos da fauna silvestre local embebidos de paixão na selva humana onde choravam nas suas horas encasteladas. Os passarinhos narravam a canção dos pássaros sem vida própria, criados na prisão, lá naquela cela, prisioneiros eram passarinhos e passarinhos eram presos. Mas se faziam amigos íntimos ao meio, e agitavam de alegria quando viam o tratador com a banana de matar a fome na mão, mas, vezes ou outra mudava se de sabor, traziam-lhes goiabas, laranjas e assim estas aves seriam mais felizes ao farto da feira no meio da semana, quando iam passear se manifestavam contentes lá no largo do horto onde Bico de Lacre, ou melhor, o Piruinha arranjava meio de

cultivo para matar o tempo da pena na camaradagem da parceria com seu irmão Pinheirinho, formada de papel passado, dúvidas a parte, para não rachar a sociedade dividia o rendimento conforme o mandamento da carta-social da sociedade "Bico de Lacre e Canarinho Cantador".

De noite estavam na cela, de dia no pátio, cantando para espantar o mal, enquanto passava o dia longe do ambiente arruinado da galeria sinistra, trabalhando de sol a sol nos pátios alisando o terreno, catando papelzinho, pontas de cigarro e qualquer coisa que encontrava pela frente: ia enfeitando o campo que depois seria marcado pelo diretor de esportes do C.C.R.I., para o futebol coletivo dos presos da Penitenciária Cândido Mendes.

Parecia uma sina, agora depois da queda, amavam somente os canteiros de plantas que fabricavam e esculpiam no terreno entorno de pátios da prisão, já que era terra de sobra. Cada pátio transformava aparentemente numa fazenda, havia fazenda grande e havia fazenda pequena: a menor de todas media um vigésimo do hectare, havia algumas mais férteis: lá no pátio do anexo a fazenda foi próspera deu para fazer plantio de cana e mamão, bananal não era permitido plantar, por certo o patrão não gostava de banana, mas para compensar deixava fazer qualquer hortaliça menos avultosa. Então, aí, caprichava numa boa plantação de aipim, batata, couve, cenoura, tomate; melancia não porque logo aparecia um guloso que não deixava as pobrezinhas crescer.

A dupla enfeitava o pátio, Canarinho Cantador e Pinheirinho, quer dizer Bico de Lacre, passavam o dia com uma trabalhadeira danada para depois ver tudo ser desfeito pelo espezinhar do futebol coletivo, mas, não tinha problema para os dois irmãos sócios no negócio de plantação e criação de passarinho de tudo quanto era espécie, tudo era refeito no outro dia. Amavam os canteiros que fabricavam pelos cantos dos pátios da Cadeia: plantações que além de útil, enfeitavam o ambiente deixando-o mais alegre, agradável e aí os pássaros vinham visitar o cultivo, a procura de folhas, minhocas

da terra fresca, grilos do mato, frutos era raro, mas, se encontrava alguns pendurados nos arbustos como se fosse de verdade. Era um pomar. Em fim, senão, eles dois faziam ser e se deliravam do trabalho que faziam nos pátios da prisão.

No princípio da década de 80 havia os Inspetores que combatia contra o zelo dos dois presos pelos canteiros; impedia que os pobres agricultores reservassem uma boa parte do tempo para alimentar passarinhos voando de todas as partes, até do céu parece que vinha passarinho chegando num vôo disparado das alturas sem ver de onde vinha um corvo abusado, este era, um tratamento a parte. Mas também não deixava de participar do banquete diário. E acabava conquistando simpatia, e recebia de bom grado uma ornamentação na calda ridicularizada, e saía dali todo feliz a passear e mostrar a turma lá de fora, as vezes ficava por lá um bom tempo, tirando proveito da fantasia na festa de uma convivência atrapalhada e, só aí voltava para receber mais um ornato de gracejo; os bichinhos parecia que adoravam o carinho que recebiam – vinha os pobres pardais, as andorinhas, os pombos, as rolinhas em bando e as sabiás e sanhaços assustavam-se com eles: dois chumaços da cor de zinabre, cara de raposa, braço de arborícolas, numa atitude de lástima, como um pecador penitente arrependido pela inutilidade de seu sacrifício. Volta, e meia, Bico de Lacre e Canarinho ensaiava uma rinha de briga de passarinho e cantavam um canto trinado de canários no ponto de competição. A perfeita sintonia do canto dos pássaros era facilmente floreada na boca desses dois trastes humanos, digo eu, artífices de primeira.

Depois, a dupla passou a receber comentário da fama que corria a boca miúda, de guardas e presos larápios, dando contra de outras façanhas noutros tempos de meninos levados dos diabos, dos tempos das peripécias da dupla do campo passa a justiceiros, ou quase isso, no passado, vingaram uma dívida de família: eliminaram com os trapos que tinham a irmã e o cunhado. Mas, como que na cadeia isso aí não interessa a ninguém, o importante era o que eram agora – dois artistas que cantavam e tocavam lindamente.

O resto não interessava a ninguém saber. O motivo de estar na prisão! Concluía-se que estavam pagando algum crime cometido! Pe te e saudação!

A dupla era olhada pelo carinho dos passarinhos, as aves reconheciam que aquelas fisionomias eram amigas delas. Não temiam mais descer dos altos e procurava retribuir o bom tratamento, com prazer e muita alegria que dava até briga: de vez enquanto uma andorinha saía no pau com a outra, a bicar disputando privilégio do tratamento naquela hora dispensado a parceira. Punha-se a correr e a baderna era formada entre a passarada que acabava em pancadaria de bicadas umas as outras. As aves mais dóceis vinham nas mãos com aquele mimo! Deliciar da ceia fértil de grãos e frutos às vezes até muito suculentos, e outros um tanto atrativos que fazia os voltar sempre a procurar a dupla de encantadores de passarinhos. Que sempre estava ali com a permissão do Inspetor de Dia, por detrás daquela fisionomia horrenda eles também cantavam e sorriam com os passarinhos nos pés, nos braços, nos ombros, na cabeça e deixando de ser temidos. Gozava da música ardente dos amigos, que moravam normalmente na selva, nos telhados ou ficava por ali mesmo na espreita como morador de rua fica sem ver a hora passar amanhece onde está.

Nestas horas eles também, se tornavam pássaros, que inundavam o pátio de tudo quanto era tipos de aves, que podia ser observadas perfeitamente pelos guardas lá de pé na Catedral, ouvindo o som e vendo a alegria da beleza que se estabelecia no pátio cheio de vidas. E, Piruinha e seu irmão cantavam também com a boca como os canarinhos com o seu biquinho. Treinava os pombos a buscar coisas mínimas, que iam e voltavam voando a trazer notícias de um amigo de longe presas numa das perninhas, a pousar-lhe nos ombros como se estátua fosse.

O tempo deu conta da verdadeira história moleca do Areão, outrora, justiceiros do famoso Morro da Mineira, ou melhor, vieram do sertão de campos gerais adentro, a dupla brotara no fim do rumo das terras de Serra Alta, onde criminoso vive seu cristo Jesus arredado do arrocho da autoridade. Serra Alta dos montões ao norte que

na beira dele, tudo dá nos fazendão de plantações e pasto de bom render, as vazantes vão de mata em mata cheia de culturas. Neste sertão, rolava a terra sem lei: pois, nos pastos onde os dois foram criados, as rixas carecem de fechos, onde um pode torrar dez, quinze infeliz, sem nunca topar polícia para colocar ordem. Por exagero da liberdade envolveram-se em crime, dito, "crime de família", o destino lhes pregara no caminho um, tal, Roque Albertino, que fora de seus 11 a 26 anos, um rapaz trabalhador, empregado de um remediado comerciante lusitano e fez ali seu pezinho de meia, atrás do balcão de um mercadinho popular: tanto economizou do pouco que arranjara nesses quinze anos, que o patrão na velhice, entregou-lhe em pagamento de mensalidades vencidas, não só o estabelecimento como o que restava do estoque nas prateleiras e ainda deu-lhe um pouco mais em moedas e cheque para sacar no banco, na ordem de um milhão e seiscentos mil cruzeiros da época. Com este montante de dinheiro, armou a parte um mercado ainda maior de secos e molhados, uma construção robustada e vistosa de encher os olhos no pé do morro próximo de uma favela e plantou-se dentro.

Ao passar do tempo, Roque, próspera. Agora proprietário e estabelecido de comércio por sua conta, foi à luta ainda com mais garra. O rapaz na ganância de se enricar. Enfrentou mais animado a vida dura e passou as piores privações. A partir daí, passou dormir, a bem dizer debaixo do balcão de alvenaria fincado dentro do mercado, estendido salão adentro que arranjara ao seu jeito, em cima de uns trapos descansava, depois do último freguês ir embora, tinha como travesseiro um picuá velho gordo de pano usado. A comida vinha de encomenda mediante alguns centavos por dia da casa de uma vizinha cozinheira de gosto apreciativo de uma vasta freguesia, Dona Glorinha, mineira moreninha clara de seus vinte e tantos janeiros nos costados, além de tudo fugida da família que ficara na Serra Alta, região de São Lourenço da Mata, amaziada desde lá veio com um bandido de uma birosca pequena, onde vendia uns fumos e puxava de vez enquanto uns carros e levava pras bandas das Minas Gerais.

Glorinha, a prendada cozinheira também era de trabalhar firme sem olhar par trás, portanto, a sua cozinha era a pensão mais bem freqüentada do bairro. De manhã servia café, leite e pão na manteiga boa, e a noite tinha angu-baiano e fritura a moda da roça, por estas ocasiões mandava um cascalho de trezentos mil cruzeiros por mês para o velho da família na roça, e guardava ainda um qual quer de economia. A pesar disso, levava uma vida feliz ao seu jeito. Um dia surgiu o pior acontecimento de sua vida, o seu homem foi encurralado, depois de trocar uma dúzia e meia de tiros, enfrentando uma turma de invasores superiores a sua logística, caiu morto na rua, ao lado da arma, crivado igual peneira.

Roque Albertino mostrou grande interessado por esta desgraça, até fez parte diretamente dos sofrimentos da viinha dona da pensão e de uma grande freguesia, fez empenho admirável, sofreu com a viúva e comoveu a boa mulher, fez ela dele um confidente de suas desventuras. Escolheu o para expor-se, contou-lhe a sua maldita vida de amor e amofinações familiares e dificuldades. O velho pai arrancava parte das suas economias em troca de silêncio! Não era nada fácil levar a vida como era levava. A pobre mulher. Tinha de encarar a vida, todo mês mandando dinheiro de pedágio aos seus velhos. E, olha, não era pouco não, comparando com o rendimento arranjado na pensão. O silêncio lhe custava trezentos mil cruzeiros em dinheiro vivo! Em troca de um sujeito perseguido pela polícia. E, segredou-lhe então a soma, cujo, já havia conseguido juntar para se libertar daquele cativo, no qual vivia enquanto tivesse levando vida por essas bandas e acabou pedindo a Roque para, lhe guardar a soma, havida em casa, uma vez na sua própria mão, havia risco de perder para a família e, ou também, porque já de certa vez fora roubada por alguns moleques, a lhe entrarem na pensão pela parte de trás do barraco.

Daí em diante, Roque tornou-se o cofre forte, guarda-livros, procurador e confidente de ouvido íntimo da mineira moreninha atrevida, nessas horas agüentava firme a tristeza. Da desgraça já estava esquecendo. Alegria pra ela tinha um alto valor. Estava resolvida brindar o coraçãozinho

sem olhar para trás. Seguir em frente, pela cor formosa da pele não ia lhe faltar mesmo pretendente direito não, seu moço. Já desde de menina nas esquinas da vida penosa estava acostumada sofrer, bem poucos hoje no céu tiveram penitência igual ela: surra de casa de papai e mamãe não deu jeito no troço; só serviu para entortar mais ainda a ferramenta; por final as batidas fez ela apagar pai e mãe, ficar órfã por si mesma e se atirou sozinha no mundo. Uma vez descoberta impusera-lhe pesada taxa pra viver em paz com foragido pedido de polícia como era seu homem de coração mais amado. Segurou sozinha a barra sem abaixar a cabeça, sem perder o sorriso trazido na boca. No peito um coração enorme e doce somente isso bastava ao dono da merceariazinha encontrar na vida. E, assim unindo o útil ao agradável em bem pouco tempo depois, já era também Albertino quem cuidava do pedágio peculiar de família, punha e dispunha do dinheiro da moreninha e se encarregava de remeter às Minas Gerais os trezentos mil cruzeiros mensais dos matutos velhos. Pra tratar disso melhor correu um belo dia ao Banco do Brasil na agência mais perto, chegando lá conferiu na mezinha a primeira bolada da mineira, abriu-lhe logo uma conta de movimento e poupança a parte, e a cozinheira não precisava nem ir lá pra nada, quando precisasse movimentá-la, depositando ou pagando, tinha talão de cheque vistoso do Brasil no mercadinho, para qualquer transação. Isto facilitou em muito a vida da boa senhora quando precisava dava um corridinha até ao mercadinho tava tudo resolvido, deixava lá nas mão do comerciante, o dinheiro do pedágio do seu Mineiro, como ela dizia com palavra conformada: "Esse é o sagrado do Seu Mineiro" para me deixar viver a vida em paz por aqui, debitava no método essa quantia, e mandava registrar nos escritos do caderninho, em cuja capa dava pra imaginar pelo que se via no trapo uma feira de páginas velhas, cheio de garranchos ao topo de uma folha escrito: — "Movimento da Mineira" e encerrava o título com observações inelegíveis. Aquilo era o que dava para pensar ser o livro da caixa um segredo de estado.

Dessa forma foi levando no bico a moreninha lisa, ganhando a necessária confiança da mulher, de forma esta ia ao passar do tempo, nada mais resolvia a mineira por si só, tudo pra resolver dependia de prévia consulta ao dono do mercadinho, aceitava dele, de olhos fechados, tudo e qualquer decisão. Por final, se precisasse alguém tratar de um assunto com ela, não mais precisava falar com a própria, ia direto à casa de comércio do seu Roque Albertino o assunto tava resolvido.

Certo dia ele propôs lha morarem juntos pra cuidar melhor das coisas necessárias cuidar, ela aceitou a proposta de súbito erguendo aos altos as mãos, se elevando e agradecendo aos céus, ficou ainda mais alegre e animada por encontrar de novo um homem do seu jeito de viver, querer e amar. Porque a laia da raça de Glorinha, não queria se sujeitar mais qualquer estropício de homem, e pensava na cabecinha de cabelos bem trabalhados e ajeitados por causa da profissão, num sujeito de instinto superior ao finado.

Roque Albertino, comprou logo com o dinheiro que tinha no banco um bom pedaço de terra ao lado do seu mercadinho, estendendo algumas braças dobrando a esquina próxima e levantou ali um barraco melhorado já de tijolos furados e coberto de telhas colonial, constava a construção de três portas, duas para frente e uma para a serventia da casa a direita, esta era da cozinha e ao mesmo tempo do quarto, único cômodo doméstico, o banheiro do lado de fora, as outras duas portas da frente voltadas para rua, destinava à pensão e depósito de mercadorias, na parte doméstica gastou planejamento de arte decorativa, se mobiliou com os cacos velhos da Glorinha: além da cama arrastou uma mesa rústica de madeira, um armário com duas portas com maçaneta de metal niquelada já bem gasta, uma prateleira pregada na parede, forrada de papel colorido e babado, a vista alguns ramalhetes de flores, no chão um baú, malas, sacolas e parafenhas jogadas por cima. A relíquias eram uma mala grande de papelão forrada de ceda azul-céu brilhante, um cabideiro no canto, um cobertor para esquentar o frio da noite fazendo par com uma competente colcha de retalhos selecionados aos gostos de uma amiga

do outro tempo inútil guardado no anonimato bandido da Mineirinha ao lado do finado Caboré.

Na verdade observava-se uma coisa, Roque Albertino nunca tivera tanta mobília: agora disse ele à Mineira, as coisas vão andar melhor pra você. Você fica fora de despesa geral da casa, cuida só da pensão. A vida começa a partir de hoje. Albertino passou andar muito lá pra baixo, volta e mia tava na rua, um dia voltou com uma folha de papel na mão toda escrita, leu alto em voz à mulher e comentou: - você agora não tem mais ninguém para ti achacar! Ela ouviu em lágrimas, ora lamentando o destino do traste, ora agradecida. Ele falou: acabou-se a submissão a um caipira. O que fizer é só teu e dos filhos seu. Acabou-se a questão, não se paga trezentos mil cruzeiros à ninguém mais! Então é, coitados! Papai tomo raiva de mim por causa do Antoim Josino, Caboré não era nada que prestava pra eles. Eu fui muito pirracenta mesmo, companhei Antoim, era minina, ele cobrava não, nós dava pra eles, pra modi livrar da pinima do papai que tinha com Antoim. Também Antoim era isso aí... Deu no que deu... pra eu tá bom. Peguei gostar de você, agora você fez isso: tirô eu da mão deles. Tirei e tiro, acabou-se! Agora é vida nova nossa! Comemoraram perante a mesa velha no centro do cômodo, ao lado da cama, no único cômodo da casa. Servia de quarto, cozinha e sala. Tudo era ali mesmo, o banheiro do lado de fora. Sobre a mesa abriram uma garrafa de cerveja e comemoraram com umas sobras de carne da pensão.

Tava comemorado o grande acontecimento. Deixa ser, o tal papel escrito era mesmo uma carta escrita pelo próprio Roque Albertino. Meteu num envelope, passou no armazém pegou uns selos dos que vendia, preparou o despacho. Partiu para o correio remeteu a carta. Dando notícia do acontecido com o bandido marido da Glorinha, morto no tiroteio: - "... ela diante do fato resolveu meter o pé no mundo para o estrangeiro era tudo que, tinha a dizer da vizinha a qual eu era o freguês de muitos anos, e tinha por ter endereço para escrever o acontecido, informação de vida ela mesma deixou quando partiu suponha para o Paraguai". Passados três anos o velho pai estava aperreado com o destino

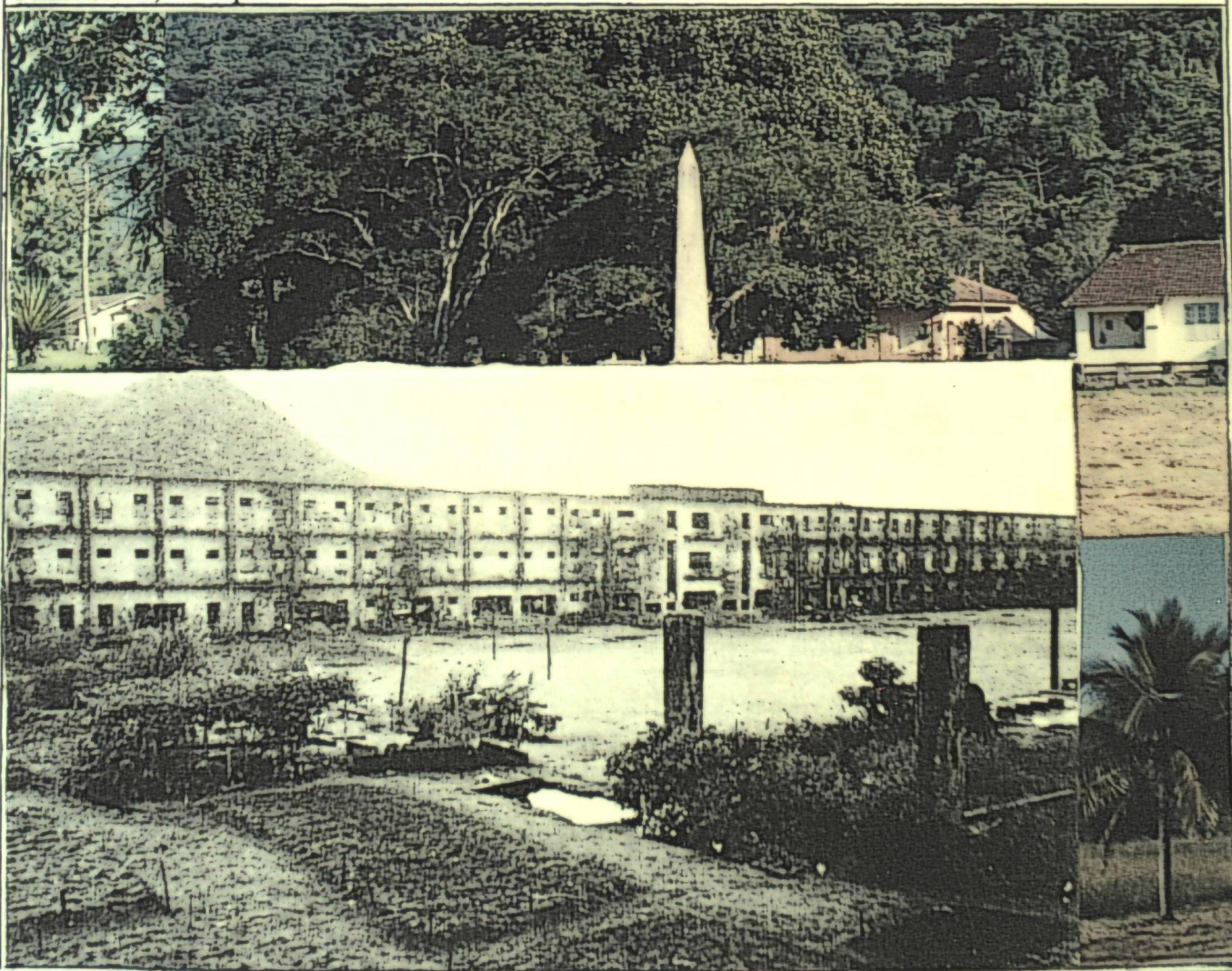
da filha que, um dia decidiu acompanhar um bandido para nunca mais voltar. Seus dois filhos mais novos do que ela vendo o pai naquele estado eles resolveram conferir a situação, podia ser demanda de justiça, promessa de sumisso da irmã ou canalhice. Uma luzinha de santo, já ardia no alto da parede em devoção de Nossa Senhora das Dores a todos esses três anos da notícia acontecida como contada por seu Roque, como contou fiou na fé do dito por não dito. Um dia os dois moleques partiram na conferência do caso para a cidade grande longe sem saber onde ficava por certo o lugar indicado meio com ar de molecagem, passando o beijo no pai já numa boa soma relativo a três anos de pedágio.

Os dois moleques chegaram ao Rio de Janeiro meio perdidos ficaram na rodoviária Novo Rio, ali dormiram uma noite, quando o dia amanheceu comeram bolo de fubá, tomaram leite e café. Saíram em busca de nada, andaram pelo Cais, na Praça Mauá dormiram mais uma noite, ainda tinha dinheiro uma boa soma de cinco mil cruzeiros, com esse dinheiro chegaram no terceiro dia a Central do Brasil, pararam e fizeram casa e morada nos fundos da estação. Pela manhã o forte era bolo de milho, leite e café, no final do dia faziam um reforço num pé de chinelo ali próximo - uma carne seca, um feijão com arroz. Naquela noite mesmo começaram a conferência de papéis, a lengalenga que Hipólito e Pinheirinho tinham nos bolsos fez deles dois andarilhos. Andavam de trem em modo de surfista voador, nessa vadiagem de Central e estrada de ferro contrai vicio de gente esperta - deu de queimar cigarro continental, de fumaça apreciada da malandragem e grinfa habituada, pintar no pedaço. Infestava os ambientes por onde andavam a poder de Continental e companheirismo filão da Ajunção de Rua, não tiveram como escapava desse mal proceder. Nele fizeram o nome de importante não podia mais faltar nos paradelos, ficaram conhecidos por demais, nos ramais da Rede Ferroviária eram moeda de duzentos reis. Com aquela voz floriaoza que possuíam ensinada pelas pássoras da Serra Alta, receberam o título "bico de lacre e canário cantador", dom encomendado por Deus

para as gargantas dos filhos do Seu Mineiro, eles dois e ninguém mais que, desde os primeiros anos sabiam tirar proveito da arte. Não havia cantoria que eles não entendessem na beleza do trinado. Travaram amizade de farra com mais de uma centena de parceiros e até elogios arrancavam em participação de rodas de cantos, transação e carteados de ronda nas altas madrugadas. Dois rapazotes bronzeados eram eles servido de saúde, conservada na botina e chapéu na cabeça no campo, não era para ninguém desmerecer. Compareciam nas reuniões do Reduto, de cigarro queimando nos dedos. Largava fumaça, da garganta saía pela boca e subia no ar em caracol, enlouquecendo os filés que, apareciam no meretrício da Pinto de Azevedo, quando estava mais afoitos as piranhas ficavam lá fora cochichando.

Valeu a pena as andanças. Hipólito e Pinheirinho, a poder de conhecimento e

informação, não só passou a limpo as paradas do agravo e roubalheiras, como visitou suas informações em casa que era de sua irmã. Na visita surpreendeu o casal dormindo. Se assustaram aos gritos de: "pega ladão". Sou lá homem disso! Quero somente o que é meu... Meteram a mão no pau de fogo, queimaram logo os dois. Vasculharam o cômodo do casal, pegaram o dinheiro que tinha e mais qualquer coisa, ralaram peito. Subiram o Morro se meteram no cafofo ali no alto. Lá ficaram encastelados. Dois meses depois o irmão de Hipólito foi preso quando voltava de Minas. Mais alguns meses Hipólito dançou na Barreira do Vasco. Em cana os dois alguns anos depois se encontraram na Ilha Grande, no interior do Instituto Penal Cândido Mendes, na Segunda Galeria fizeram parceria nos mesmos moldes de rua. O que ganhava dividia.



*CENTRO DE CONVIVÊNCIA*BAILE DOS AMIGOS

Um grupo de amigos promotores de eventos surgiu no meado do mês de abril deste ano na Vila Dois Rios, com a finalidade de promover algumas noites de baile, mesclando a participação de público convidado selecionado da Vila de Abraão, simplesmente para ajudar animar as noites de programação. A estréia foi um sucesso que aconteceu na noite do dia 08 de maio. O arranjo musical é o forte das brincadeiras, com um repertório de músicas da Era de ouro do rádio brasileiro. Como todo grupo que levanta um clube alcança a simpatia do público com o carisma do seu líder, a formação deste trouxe rumores sobre o início da composição: Silvio, Sabrina, Wesley e Ailton. As dificuldades iniciais já foram superadas musicalmente e emocionalmente. O senhor Silvio fez sua opção e quem saiu lucrando, foi à comunidade que viu a retomada do Centro de Convivência como lugar de diversão freqüente, ganhando o "II Baile dos Amigos" na noite de 26 para 27 de junho. Mas se queria mesmo era promover desta vez um Baile à FANTASIA, sem nenhum rigor de época, deixando o traje a moda de cada um, e foi o que aconteceu: lá no clube comparecera nesta noite um número expressivo de fantasias diversificadas expressando bastante a criatividade da imaginação do folião, até mesmo devaneios de alguns e de outros, com vestimentas como: Múmia, Bátima, Zorro, Nega Maluca, Samurai, Colombina, Pierrô ingênuo, Zé Bonitinho, Pirata, e, também, havia no Salão dois tipos de bruxas: a Escancarada, ou seja, aquela bruxa que tem a boca inteiramente aberta só para assustar a indivíduo e o outro tipo era o de Magia, ou seja, aquela bruxa que produz efeitos sobrenaturais; além dessas fantasias havia, muitos chapéus, máscaras, óculos, roupas coloridas de festa, minissaias, e um improvisado de embalagem da famosa aguardente 51, trajes militares, escoteiro, grupo de louvor a mão armada com escopeta de brinquedo e tudo por aí afora. De forma que todos faziam movimentos dançantes sem parar, ou com alguns trejeitos

bebiam no bar e ou comiam salgados, ao som da Banda Sagaz, do Rio de Janeiro, que alternava a música entre eletrônica e instrumentos de cordas e bateria e arco e vocalista meio roqueiro que deixava pouca gente sentada, e muitos procuravam se divertir com a novidade do evento promovido pela equipe. Que deu outra vida na Vila Dois Rios, agora, nas últimas semanas. Isto somente foi possível depois que a Sabrina chegou a Vila, aproveitando juntamente com o Silvio estas boas e maravilhosas idéias e formaram com apoio do CEADS e da AMVDR, este Grupo Fomentador de Eventos para levantar o Centro de Convivência, o antigo Clube dos Funcionários do DESIPE-CM, que estava a muitos anos na hibernação.

A DECORAÇÃO: Na entrada do clube foi improvisado um caminho iluminado de tochas, que dava um tom ruralista, daquelas fazendas de café de antes do meado do século passado. No interior do clube notava-se, uma decoração, altamente a gosto feminino, preenchendo espaços: com viseiras, quadros de desenhos geométricos, laços, arranjos de linhas coloridas suavemente. Lá no bar sobre o balcão improvisou-se um abajur enorme, e na parede sobre o acesso ao Salão, bem ao alto estava lá uma gamela trabalhada num artesanato, dependurada naquele espaço pouco notado que, somente, era notado pelo observador, voltado no espaço contigüidade ao balcão. O teto do Salão, por sua vez recebeu uma das mais frenéticas decorações de festa, nada junina, era um arranjo especial para formar ambiente de dança na pista, sob os efeitos de seis luminárias roxas e um canhão de flechas de luzes de contrastes ao centro, com muitos pendurados de bolas prateadas grandes e ligeiramente pesas, muitas fitas lânguidas outras não. Enquanto que na parte baixa do Salão, formou-se ambientes com arranjos verdes, aqui e ali, de cantos, onde casais e grupinhos escolhiam para namorar, conversar e mais era uma camuflagem de mesas, que deixa

o biente mais aconchegante. O mais importante tem sido o resgate da memória, e da interação perdida com o tempo, sem investimento pelo menos numa modalidade de lazer do vivente das áreas, que compreendem Dois Rios inclusão de

Abraão. PARABÉNS, AMIGOS, pelos BAILES que vocês fizeram até atualmente em Vila Dois Rios, onde havia empreendimentos culturais como é a dança, a expressão corporal a música e a arte de criar cenários marcantes.

FESTA JULINA

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOS

A festa da comunidade aconteceu no dia 24, onde os pais aproveitaram para encerrar o primeiro semestre das atividades do ano letivo da Rede Municipal de Ensino, em que, os familiares de moradores vieram com seus filhos a passeio e participar também do evento.

As apresentações foram sucessos, dançaram os familiares dos moradores, os membros da UERJ presente no CEADS, e às pessoas convidadas especialmente.

Os alunos Universitários, Professores, funcionários, visitante e moradores dançaram sem nenhum tema a quadrilha improvisando as apresentações de "Ciranda" (dança folclórica da região), onde professores, alunos, visitantes e moradores mais uma vez mostraram aos presentes como é importante resgatar a história de nossa comunidade. Juan, filho morador Antônio Monteiro de Barros, comandou a Ciranda junto a outros moradores, enquanto a Banda de Forró tocava a quadrilha.

A festa foi animada pelo grupo de forró do "Abelardo, Ricardo e Zé Honório", e é claro, dando uma paradinha o conjunto reanimou os ânimos e todos puderam arrastar os pés com muito mais empolgação até as quatro da madrugada. A noite de festa não poderia ter sido melhor, um ambiente descontraído, pura alegria, muitas comidas típicas, só não comeu mais, quem não quis, e não bebeu porque a barriga não dava para tanto.

Quem não dançou ficou só olhando muita gente bonita, ninguém era de ninguém.

Este ano, o tradicional Arraiá da Comunidade superou as expectativas e foi sucesso de público no Centro de Convivência.

A festa foi aberta neste sábado à Comunidade às 20 horas.

O presidente da Associação, Ezequiel com a sua esposa dona Edna, procuraram dá um toque especial à festa, foi sem dúvida, a organização. A infra-estrutura do evento valorizou a decoração com pórtilco, palco decorado como qualquer outro arraiá para realização de quadrilhas de caipira de lugar grande, um bom espaço para apresentação da quadrilha além da barraca de comida, joguinho, bebida, o bar, e o quentão que era servido lá na área adjacente da cozinha, havia também caldos verdes, milho cozido, canjicão e muitas outras.

A idéia de espalhar pelo ar o clima da roça fora alcançado totalmente.

Mesmo as crianças que não se apresentaram na quadrilha estavam lá no Arraiá da Comunidade à caráter e aproveitaram muito.

Foi uma festa mesmo para as famílias que a muito tempo não via uma sanfona tocar e todos os membros do CEADS presente naquela noite, com os pais trazendo os seus filhos, casais de namorados e todos atentos às apresentações da banda de música e Ezequiel estava muito alegre, junto com toda a sua família, trajando de caipira. Às 23 hora, Ezequiel, promoveu a queima de fogos na quadra e mais uma vez, a Banda continuou tocando.

A Associação de Moradores recomenda seus agradecimentos a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização de mais este evento, em especial a sua equipe, aos alunos, ao sanfoneiro, aos locutores, aos pais dos alunos e todos os demais participante que doaram doces, salgados ou refrigerantes, ao senhor Silvio que doou a sopa de ervilha, o Adalberto que doou o caldo verde. Aguarda a todos no próximo ano para as comemorações referente ao dia da Festa Julina de 2011.

TEMPORADA DE FILMES

OS TRÊS ÚLTIMOS FILMES APRESENTADOS PELO *ECO-MUSEU*:O VELHO E O MAR

Enquanto que a maioria dos filmes da televisão assistido pelo público em casa, valorizam a escatologia. O Eco-Museu faz ao contrário, busca valores temáticos baseados no patrimônio e na continuação da memória do homem. Basta dizer que no dia 27 de março do corrente ano de 2010, apresentou ao seu público no Centro de Convivência da Vila Dois Rios, às 19 horas, "O Velho e o Mar", para um público, entre todos contava umas vinte e oito a trinta pessoas e mais uma gama assistindo por fora assistindo de esguelha por uma janela e a porta, não registrando no livro de presença. Este comportamento mostra uma mobilização tendente a aumentar com o tempo. Fazer levantamento de aspectos de nossa escolha de filme constitui um dos melhores serviços que podemos prestar ao interesse geral da comunidade. A casa cheia, de repente esvazia o curta-metragem, inferior ao que o público espera ser, pelo tamanho especioso deixa o espectador querendo mais. Foi o que aconteceu e provocou a inquietação do público, um comportamento de insatisfação que levava a pedir a repetição do filme querendo entender melhor a mensagem, que o autor passava a seu modo de montagem da cena que pensou e a transformou numa extração, tão boa, de narrativas mais ou menos curtas serão, daqui, a alguns séculos, consideradas típicas do clímax que a ficção mundial em prosa alcançou, no período que veio a mitologia, de Tolstoi aos dias de agora. "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway. Um filme de diferentes idiomas, com dois ângulos e duas técnicas. Porém fez o norte-americano mais do que jogar, na tela, realçou a situação de luta do homem diante dos elementos da natureza, numa narrativa com traços épicos deixando prevalecer a calma, a paciência, tranqüila de Hemingway, participa ainda de certo clima poético, mesmo já se constituído em produto acabado de uma nova

classe de ficção, de um modo de resumir numa história a frágil indestrutibilidade do homem. O velho de Ernest, na precisão de sua forma, tem o instrumento certo para atingir um significado e uma verdade, um meio que promoveu o relacionamento entre dois mundos: o ficcional e o real, do da obra de arte e o das percepções ao redor, o do livro e o universo circundante.

Aconteceu, afinal, no escurinho das cenas que a gente olhava na tela para permitir um Pescador vibrar tanto? Lógico, que foi como se todo um desenvolvimento do americano com o povo tivesse culminado em Ernest Hemingway, que pôs, no relato da história de Pesca, esse jeito de o pescador falar, esse modo áspero de uma pessoa usar palavras, não diminuindo ou simplesmente não contando sílabas, mas fazendo com que suas conotações se ampliam ou se reduzam, conforme o caso, e promovendo uma revalorização quase periódica de vocábulos. O uso diário, a fala tal como a entendemos existencialmente, na inventividade natural de um povo, pode marcar o uso das palavras e um escritor, só mais identificado com sua gente mostra ao seu povo o espírito, a verdade estremece, ecoa em matéria pessoal de comunicação de um mestre velho pescador, mestre destemido no mar. Impondo admiração, respeito e orgulho nos seus seguidores, principalmente no menino, seu futuro substituto. O ingresso dessa idéia de macho de um mito na cuca popular, entra em grande parte na ação de "O Velho e o Mar", cujo, o Velho representa o acesso da fibra a um nível de expressividade como nunca visto antes na arte literal. Curvemo-nos diante dessa obra de arte, que fez de nós um povo e uma vila de pescador. Agora, que o filme foi um sucesso poderíamos ilustrar a nossa história contando para vocês a história do senhor Romério, um velho pescador que tinha aqui na Vila Dois Rios e fazia a gente rir muito. Obrigado, deixa esta para a próxima oportunidade.

VAMOS FALAR de CAMINHOS CRUZADOS e MARIA DO VALE

A segunda exibição da série de filmes foi para um público seletivo, que via na tela um documentário e não um espetáculo, num domingo à tarde, por volta das 19 horas neste mesmo Centro de Convivência que virou o nosso cinema e clube da Vila Dois Rios. Roberval e Sabrina, neste dia trouxeram dois filmes à Vila Dois Rios; Caminhos Cruzados e Maria do Vale. Assistido por um público de mais de 30 pessoas, o primeiro nem tanto, mas, a segunda sessão, deu uma sensação mística com Maria do Vale, quando ela sonha, dormindo, depois de acordada continua dormindo e ver, ouve, anda pela casa vivendo o pesadelo da “Casa Arrombada”, olha e ver por um bom tempo a maçaneta da porta sendo forçada por invisível, sacode o marido ele mete a mão dispara a arma que tinha em casa contra a porta no sonho; o marido um grande medroso estarecido de medo ouve o ladrão serrar a grade do terraço, corre lá quando depara com a visão, volta numa carreira danada escada abaixo. Neste momento vasilhas de porcelana ele ouve sendo chutadas pelo ladrão, quebra a primeira vez, quebra a segunda vez e corrente é arrastada, se borra todo. Maria do Vale, corajosamente, se pega com a fé com os santos que tem em casa, enfrenta a situação de vela acesa na mão corre a casa toda rompendo a escuridão com a claridade da vela, nada acontece a não ser um grande pesadelo de quem mora sobressaltada pela violência de um desses nossos atuais centros urbanos, numa cidade onde o Estado não dá a mínima segurança ao cidadão, ou melhor, o Estado não dá segurança a ninguém, o telefone, a única esperança que se tem para o cidadão, está sempre apilhado de chamadas, não atende. Na hora que precisa está ocupado. E assim vai deixando todo mundo de terço na mão. Se apegando na promessa de uma divindade qualquer de um segundo para outro se perde tudo

num assalto ou num arrombamento: A televisão foi o objeto de valor da casa que o casal se lembra na hora de salvar, como? O que era difícil comprar, pagar aquela parcelada já foi difícil, imagina comprar outra. Trazer o trambolho não era possível, que fora comprado com tanto sacrifício – imaginava o marido de do Vale. Logo o ladrão levar, também, não era justo. Melhor seria cometer logo um crime, que o dono da casa não tinha coragem. Do Vale tinha, arriscou um tiro, que não era tiro, era um estampido no sonho. Não mata porque não havia ninguém, não fura a porta porque era um simples sonho mal do trabalhador de hoje no horror do dia a dia. E assim Roberval construiu uma história de valores que pesa na nossa sociedade complicada, diante de frutos do Capitalismo desenfreado, motivos grandes de muitos arrombamentos de residências e até mesmo de Caixa Eletrônica de Bancos, Cofres Fortes e outras coisas mais no Brasil.

A outra história, a do primeiro filme: Caminhos Cruzados deixa entender como é dura a realidade da vida de um trabalhador no meio desta violência toda do mundo atual, em que vivemos, numa comunidade pobre, entre a favela e o quarteirão médio, onde o cidadão e as famílias estão intimamente, envolvidas pelos crimes de rotina, geralmente na cidade, já ao ponto de ser o fato que acontece banalizado entre multidões que passa que já não acredita na polícia, não dão mais importância aos movimentos de: polícia, vítima e ladrão. E, polícia, quase tudo já é considerada a mesma coisa: quem trabalha hoje, amanhã pode ser passado como se ladrão fosse e ladrão como trabalhador, inversão de valores depois de sair estampado nas primeiras páginas dos matutinos – a mancha pega e trabalhador acaba também virando ladrão sem querer, envolvido com a

sociedade complexa, fruto de um sistema corrupto, onde se vira bandido sem querer – uma consequência que pode acontecer na vida urbana na comunidade indefesa, oprimida, imposta pelo banditismo do bairro que se aproveita da situação. Onde crianças são envolvidas na vida de a onde está mergulhada, na realidade política alavancada ao poder, sem proposta pública imediata, quando tem não a cumpre porque o sistema não o permite fazer com honestidade o

que foi escrito por ele próprio. Ainda mais a Constituição é esquecida e quando não é modificada convenientemente.

A mensagem que nos passa Caminhos Cruzados e Maria do Vale é quase um recado de carapuça que vai cair na cabeça de alguém lá longe não sei onde é este mundo, só sei que este mundo aqui está de pernas para o ar. Desculpa por favor! Se eu estou errado!...

HORTON E O MUNDO DOS QUEM

Este filme não é documentário, é uma longa metragem suave que a história alivia a alma do indivíduo e no final da vontade de chorar. Exibido na tarde do dia 29 de maio de 2010 no Centro de Convivência da Vila Dois Rios. Uma apresentação do Eco-Museu feita pelas mãos da museóloga Sabrina. Que foi muito feliz nesta escolha. O filme trás uma linda mensagem, às famílias de fé. De acordo com os ensinamentos Cristãos vimos uma fábula infantil criada por Jimmy Hayward e Steve Martino, através de Seuss, criaram a idéia que atua no reprisamento da “VIA SACRA” até ao momento final de Ascensão, que é uma história para criança e adultos também. Sem aquelas piadas nojentas que vê em outros filmes, basicamente por conta da profissão de protagonistas, neste filme o protagonista não é um filão que busca a fonte de vantagem e lucros. Pelo contrário. É visto simplesmente o valor espiritual de um ser reles que é introduzido numa tribo como infame, como ordinário objeto de uso de outra tribo primitivamente organizada. Escolheram-se para protagonizar do filme um proboscideo indiano dócil e curioso (que ver, ouve as vozes, mas, entre todas as vozes), uma chama-lhe atenção, porque implora, repete, insiste, tudo na natureza selvagem o animal não sabe do que se trata, com a força que tem se coloca frágil, na colaboração que nem ele mesmo dá para acreditar no que estava vendo tão diminúscula em comparação com o brutamonte, curioso passa a desconfiar de que havia um segredo, ou mistério que não entendia, mas não fugia e perseguia e se sacrificava para descobrir algo de existência no

vale entre toda a natureza abundante havia no além outro mundo desconhecido com seus habitantes que comunicava com o protagonista através de canal, alguém do outro lado viviam em conflito. A vida perturbada dos habitantes da terra dos “Quem”; de onde ele havia sido retirado rejeitado pela mãe, levado por um tio para a África e dali para o Alasca; descobre por meio de uma flor que suas raízes estão na verdade ligadas no mundo de outros seres – o proboscideo havia sido adotado e nunca soube da família biológica.

E, no final, a idéia do Dr. Suss criador da fábula infantil, é desenvolvida no filme no Alasca, com as piadas e situações de sacrifício. Da herança deixada pela mãe, os bens mais preciosos são os povos do mundo desconhecido e, que todos tinham ele como salvador e a simpática companhia de Horton. Broboscideo detesta ser considerado salvador da verdade, mas acaba tendo que aprender a lidar com a fama (as ordens de seu pai que o povo acreditava) para poder encontrar o que foi buscar: a razão por que foi abandonado pela família. Apesar da trava Nortontina, decide aprender a ajudar para livrar uma importante fé nele, mordada para dois tempos indefinidos de anos depois da sua chegada. Não sem a oposição do Velho pai mandar mais um castigo. Apesar de apontar para os maiores clichês dos filmes do gênero, este filme “HORTON E O MUNDO DOS QUEM” até que sai da obviedade e não toma os caminhos mais fáceis. Vai defender sem sombra de dúvida, mensagens engrandecedoras em relação à importância da Família, Cultiva a Fé e dá Reconciliação com o passado da humanidade,

mas sem cair na fórmula telegrafada de tramas de suspensão de limites. Aponta Conflitos como a busca pela salvação sem remissão e se tornou no final do filme o redentor no momento da redenção às portas do céu se abriram e as estrelas todas cintilaram, o céu resplandeceu com o brilho das faíscas das estrelas, neste momento, foi o momento crucial, decisivo, o povo se afasta de joelho, abre largueza a liberdade da Ascensão do protagonista. E o autor resolve de maneira até inusitada, sem insultar a inteligência dos espectadores mirins, apesar de abusar um pouco da duração e alongar ao máximo situações que poderiam ser resolvidas mais rapidamente.

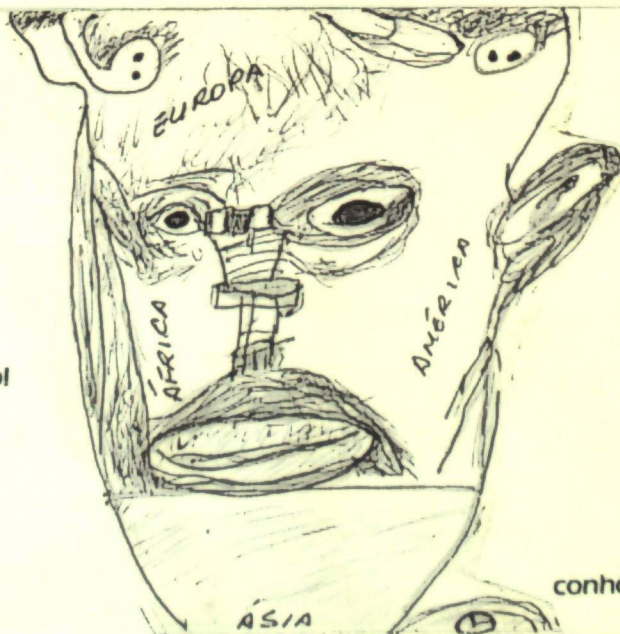
O imortal escritor Seuss, não tem culpa, porque ele forneceu simplesmente subsídios à história toda da dupla do filme. Talvez Jimmy Hayward e Martino tenham se ofuscados pelas performances da criação que fora possível fazer, parece que se esforçaram para fazer graça com os remexos de seu protagonista, que sem jeito rebola um pouco e faz requebrados sem graça desses deuses urbanos, tentando se adaptar em ambiente montanhoso e precipitado. Abusa das alturas galgadas, se livrando de eminente queda mortal nos precipícios agarrando-se com a tromba nas árvores, nas pedras e outras vezes a usando para arrancar árvores e nem sempre consegue ser engraçado, revela poder. Seus melhores momentos foram os Jardins Inteligentes floridos, que são lindos e bem criados, apesar de não

querer, o excesso de flores – acaba formando uma massa florida colorida sem muita personalidade, a que se limitam a encontrar a Poderosa flor a “bem-dita deusa toda poderosa” e recuperar com ela o poder sobre-natural. Apenas a Poderosa esboça alguma simpatia com atitudes humanas que costumam ser responsáveis pelo encanto de animais na ficção dos filmes.

Os diretores Jimmy Hayward e Stive Martino, com certeza são especialistas em filmes com bichos de ficção, deveria saber que um proboscídeo que cumpre papéis piedosos se solto no safári de um parque funciona muito melhor do que ser cruel (uma legião enjaulando-o, amarrando, desafiando quase linchando, impondo ao animalzinho arrastar multidão). O que é isso? Mas as crianças não deixam de se encantar e, mantendo-se em mente que é para elas que o filme foi produzido, Horton e o Mundo dos Quem, cumpre o seu papel e, tem potencial de sobra para satisfazer os pequenos e os altinhos, orientados a olhar e ver dois mil anos atrás. Suas exposições podem ocupar temporadas de férias escolares municipal, pela frente em qualquer instituição adequada a promover a decência. Ao concluir os comentários sobre a última temporada de filmes do Eco-Museu na Vila Dois Rios. É quando fica aqui meu apelo. Parabéns ao Departamento Cultural da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR-3) da UERJ pelo projeto Cineclube na Ilha Grande.

ECOS DA EXISTÊNCIA O HOMEMÁQUINA.

Quer um sábio? Peça.
Ministro? Encomende.
Menos cor-upto?
Que barbárie, ô tié, IMPORTADO!
Dilemas éticos e morais
tentarão entender esse
novo ser humano
produzido e manipulado
em laboratório
pela Neurociência e
Engenharia Genética.



ENÍGMA DE SER HUMANO

será inevitável no decorrer
do século 21 a sua presença.
Escolhi este modelo.
E VOCÊ?
Pode ir escolhendo o seu:
homem ou mulher-máquina.
Risco de extermínio
da própria raça humana
do antiquário.
A rapidez da demanda do
conhecimento é a grande questão!

ANIVERSÁRIO DA PROFESSORA JANNY

11 - 07 - 2010

VILA DOIS RIOS - Hoje, o aniversário de 70 anos da Professora Janny Linhares Fortes, foi comemorado com uma aula de Educação Ambiental, no Centro de Convivência, ministrada pelo Professor Antônio Carlos, da UERJ, suas alunas e alunos. Com participação das crianças da comunidade e alguns familiares, às 17 horas, com direito num bolinho muito gostoso, acompanhado de refresco. Quando cheguei fiquei surpreso, na tela um documentário da vida selvagem local, para cada inseto uma história, cada história uma vivente da nossa fauna. E as crianças se deliravam, faziam perguntas interessadas na história do falto que a gente percebe haver. Agora a UERJ - e o CEADS, traz-nos estas gargalhadas de alegrias dessas irreverências de criança que estão acostumadas a ouvir as histórias contadas pela Janny. Lá a homenageada representava a razão de tudo aquilo. Era um dia especial, da criança e o seu mestre, do convívio de mais ou menos oito anos aprendendo com liberdade de ouvir histórias belíssimas e interessantes sobre a natureza do mundo que se vivi e sobre coisa que nos cerca; as vidas diminutas que sejam, têm lá seus encantos e muitas utilidades na natureza, pois ali estava na tela: uma simples família de formigas trabalhando a sobrevivência, algumas aranhas, besouros curiosos, borboletas lindíssimas, lagartos, morcegos, corujas, caninana, em fim uma infinidade de elementos que às vezes nós aqui não damos importância alguma, se tem ou não tem utilidade. A Janny, contava histórias preenchendo espaço de tempo na medida da exigência das crianças acostumadas fazerem trabalhos educativos com ela, aqui mesmo neste salão, ou ao organizar a Biblioteca Comunitária, que ela fundou, montou, organizou e está lotada de livros que a criançada já sabe manuseia com certa intimidade, adquirida ao longo destes anos.

As crianças ainda ficaram mais amigas dela, depois do arranjo do "Cantinho da Vovó", uma

espécie de baú da vovó cheio de livros e brinquedos, no chão sobre um tapete ao canto, no centro do tapete um nicho de trabalhos manuais, desenhos coloridos, livros espalhados à volta, livrinhos de leituras rápidas meio de improvisado ali posto ao alcance da criança, com uma página já a mostra. Quem chega primeiro pega logo e vai folheando, se assenta no tapete convidativo para brincar e divertir saboreando a liberdade com os livros de mais variados autores infantil. A Professora Janny é assim toda carregada de crianças aonde vai, brincando e contando mil e uma histórias, carrega livro, pastas, bolsas de trabalho infantil, alunas estagiarias auxiliando, ela é uma biblioteca ambulante, que vem trazendo livros e deixa na Biblioteca Comunitária, com isso já formou um vasto acervo que todos nós apreciamos e nos valemos dele. Sabe induzir à leitura infantil pelo gosto da criança desejar conhecer a história. Muitas crianças e adultos também são hoje alunos dela simplesmente por querer estar perto deste mundo encantado

E, lá estava ela no dia da comemoração do seu aniversário, depois da projeção do documentário, fazendo uma Ciranda com as crianças para encerrar, como se ela mesma fosse, também, uma criança. Parabéns Janny pelo seu aniversário, pela beleza do seu jeito de ser, pelo seu trabalho comunitário, a profissional que é a Janny Linhares Fortes. De saber ensinar com maestria da arte. Isto sim, só acontece com talento, como você teve e deixa parte dele na Vila Dois Rios, a sua falta nos causará, com toda certeza, uma saudade imensa, pois é, uma contribuição inesquecível que nunca mais apagará na Vila Dois Rios, porque, será de valor cultural e patrimônio de muitos pelo futuro a fora.

Neste dia, ali naquela sala estávamos a um paço da maior objetividade do conhecimento, do meio que a criança no início deste século XXI já

é dependente, aí vem com certeza a importância de aproveitar a tecnologia para observar bichinhos, que voam, nadam ou andam aqui na Vila Dois Rios. Às vezes não raramente, uma criança pergunta e ouve de um de nossos adultos a resposta, a respeito de um animalzinho qualquer, às vezes é um peixinho inferior espinhento estranho que vem na canoa do pescador, um peixinho desprezível que se joga fora, e diz geralmente “isso não serve pra nada” e, na verdade não é bem assim: na aulinha de hoje, já se vai educando: foi uma simples noção de valor. Se fossemos pensar no valor em termos genéricos, diríamos. Se um peixe inferior que não serve para o pescador não servisse pra nada, não existiria. Posso ser mais claro? As cobras e os mofos? São coisa que todos nós detestamos! Ninguém quer. Quando não causa nojo, causa medo, morde, nos causa mal, até pode matar a gente. No caso de uma jararaca – o veneno se sabe que é usado em medicamentos para a hipertensão.

E o mofo, diz que, a penicilina é um fungo ou “bolo” que a gente fala. Não conhecemos o número total de criaturas vivas. Temos notícia de 2 milhões de espécies com possibilidade de chegar a casa dos 100 milhões. E, que entre os organismos mais singelos, biologicamente, estão às esponjas marinhas que, vivem nos recifes e se alimentam das impurezas da água, que filtram retendo as bactérias. E, que para defender-se dos predadores naturais na falta de outros meios alimentares, as esponjas produzem conforme o meio que estiver um tipo de toxina. Há uns dez anos passados tivemos conhecimento de que na Indonésia se estudava minuciosamente duas espécies de esponjas, pois o veneno era o que se interessava, pode ser usado para fazer remédio contra o temeroso câncer. Mas havia um problema na quantidade de toxina produzida por

uma esponja que era o menor de todos, sendo assim, seria necessário grande quantidade, de esponja para obter o veneno suficiente para as pesquisas. Então era preciso criar as esponjas necessárias. Daí vinha outro problema – o tipo da toxina produzida pelas esponjas depende dos seus predadores que existem no local. Logo se criadas em outro ambiente provavelmente o veneno não seria o mesmo, porque os predadores seriam outros. E, neste caso, não se prestaria à fabricação de remédios. Pois, bem na tela e nas palavras do Professor Antônio Carlos naquele dia da comemoração do aniversário da Professora Janny, eu imaginava, havia uma luz no futuro desta história do conhecimento da natureza, da utilidade e da beleza, temos a tirar o ensinamento às crianças: coisas simples e de valor incalculável, você já imaginou a Cura do Câncer? Então, devemos ensinar às crianças que não há nada na natureza que não tenha utilidade. Que precisamos proteger os Ecossistemas, para preservar as características e capacidade de cada espécie, se um pescador de nossa comunidade pegar um peixinho mixuruca que não serve para nada, deixe o viver, jogando-o novamente na água. Ou por outra vez um morador estiver arrastando uma rede na praia, saiba você, que ali na linha d'água há vida preciosa que habita esse ecossistema assim como as esponjas os corais. E, você pode está acabando com um ecossistema importante da natureza. Que amanhã ele pode não existir mais para seu filho. A aula de Educação Ambiental, que eu vi lá na comemoração do aniversário da Professora Janny Linhares Fortes, tem inicialmente efeito, num futuro muito próximo, ou seja, precisamos já Educar as Crianças sobre coisa mínimas da Natureza. Felicidade saúde paz e amor, é tudo que, desejo a você Janny nesta data. Parabéns.





A NOSTALGIA DA NATUREZA (2ª parte)

Deixa, por favor, por favor!
 Por um milésimo de segundo
 Que eu me achegue a ti!
 Para que me sinta
 E possa, assim, rejeitar
 Essa luz quente invasora
 Que não teve o cuidado
 De proteger a tua formosura!
 O esplendor em flor!

Quero ser teu admirador
 E para sempre seu zelador,
 Pois, me faz lembrar palavras
 De Gonçalves Dias:
 "Comigo fica, ou leva-me contigo,
 Dos mares amplidão, límpido ou turvo,
 Te amarei constante,
 Mas não me deixes, não!"

Ponho em teus ramalhetes
 Meu riso, minha alma,
 Minha vida,
 Meu amor;
 Pois, antes de tudo tu ficas,
 Hoje no meu olhar,
 E em meu coração
 Que em ti se alimenta de amor.

No futuro
 Lá no fundo
 Do sulco sob ti
 Quero repousar nas raízes.
 Acolhe-me!
 Ó minha querida Roseira!

A primeira parte deste poema foi publicada na última página da Edição 26ª, no dia 23 de fevereiro de 2010.